



A EXPERIÊNCIA FORMATIVA COMO BOLSISTA DO PIBID: UM CAMINHO DE APRENDIZADO E AFETO

Janeide Cristina da Silva Alves ¹

Sandra Bonotto ²

Ligia Bueno Zangali Carrasco ³

RESUMO

Este relato de experiência apresenta a trajetória formativa vivenciada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido em uma escola pública municipal do interior de São Paulo. A experiência é apresentada por uma licencianda em Pedagogia do Claretiano – Centro Universitário de Rio Claro, em parceria com sua professora supervisora e com a coordenadora institucional do programa. Por meio deste trabalho compartilhamos a atuação da bolsista em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental a partir dos pressupostos da pesquisa narrativa, que reconhece a experiência como elemento essencial na formação docente, considerando a escuta, o afeto e a reflexão como dimensões centrais da práxis educativa. Durante o primeiro semestre de 2025, a bolsista participou ativamente de diversas práticas em sala de aula, com destaque para os Grupos de Estudos organizados semanalmente com apoio de outros professores que atuam nesta sala. Nessas ocasiões, pôde mediar diversos grupos de alunos, observando e auxiliando em suas dificuldades, além de vivenciar sua autonomia docente ao conduzir a turma em outros momentos. Também experienciou atividades na Sala Conectar, espaço da escola que proporciona experiências com tecnologias educacionais e contribui para a ampliação do repertório formativo. A partir dessas vivências e da escuta sensível das necessidades da turma, foi construído, em parceria com a professora supervisora, um projeto que será desenvolvido no segundo semestre de 2025, com foco em educação financeira, por meio da criação de um sistema monetário simbólico para os alunos. Embora ainda não implementado, o projeto já foi apresentado à turma e acolhido com entusiasmo. Como principais resultados parciais, destacam-se o fortalecimento da identidade docente da bolsista, o desenvolvimento de um olhar atento às demandas dos alunos e o reconhecimento do PIBID como um espaço potente de formação inicial comprometida com a prática, a escuta e a transformação.

Palavras-chave: PIBID, formação docente, pesquisa narrativa, protagonismo estudantil, Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Claretiano – Centro Universitário de Rio Claro - SP e Bolsista PIBID, autorprincipal@email.com;

² Mestre em educação pela da Universidade Estadual Paulista Unesp – Campus de Rio Claro – SP, Supervisora PIBID e Professora de Educação Básica na E. M. Prof. Aldo Zottarelli Jr., sandra.bonotto@unesp.br;

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Unesp – Campus de Rio Claro – SP, Coordenadora Institucional do PIBID no Claretiano – Centro Universitário de Rio Claro - SP, ligiacarrasco@claretiano.edu.br.





O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)⁴ é uma iniciativa da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes dos cursos de licenciatura sua inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica. O programa oferece bolsas para licenciandos, professores da rede pública e docentes das Instituições de Educação Superior (IES), buscando integrar teoria e prática, promover experiências inovadoras e valorizar o magistério.

Neste relato, compartilho uma experiência vivida por mim, bolsista do PIBID e estudante do último ano do curso de Pedagogia do Claretiano – Centro Universitário de Rio Claro - SP, desenvolvida em parceria com a professora Sandra Bonotto, uma das supervisoras do PIBID na escola e professora responsável pela sala, e também pela coordenadora institucional do programa Lígia Carrasco, junto à Escola Municipal Aldo Zotarelli Junior na cidade de Rio Claro – SP, em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental no ano de 2025. Vivenciar o cotidiano escolar com olhar investigativo me possibilitou construir uma escuta mais qualificada sobre os desafios da educação pública, e mais que isso: construir um laço afetivo com as crianças, com a escola e com a docência. Como Paulo Freire (1996, p. 25) afirma: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

A escolha de apresentar esta experiência se justifica por tudo o que ela tem representado em meu processo de formação docente, me permitindo atuar em situações reais de ensino, reconhecer a diversidade dos contextos escolares e refletir sobre práticas que possam, de fato, responder às necessidades de aprendizagem dos estudantes. Durante o desenvolvimento do trabalho, participei de práticas pedagógicas enriquecedoras como os Grupos de Estudos — em que acompanhei de perto o desempenho dos alunos em atividades que promoviam o aprofundamento de seus estudos em Língua Portuguesa e em Matemática —, de momentos em que substituí a professora titular com autonomia e responsabilidade, além de auxiliar diretamente em situações de avaliação de alunos que necessitavam de um maior acompanhamento docente por dificuldades com a leitura e, por fim, mas não menos importante,

⁴ Este trabalho é desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. As autoras deste trabalho recebem bolsas da CAPES para o desenvolvimento das ações vinculadas ao programa.





experiências em que participei de atividades desenvolvidas na Sala Conectar, onde experiências com tecnologias educacionais ampliaram minha percepção sobre metodologias mais atrativas e que, no caso desta escola que dispõe destes recursos, acabaram se tornando acessíveis para estes estudantes ainda que sejam de escola pública.

O objetivo deste trabalho é relatar, com base na metodologia da pesquisa narrativa, os processos formativos vivenciados até o momento a partir da atuação no PIBID, evidenciando como tais experiências contribuíram para o amadurecimento do meu olhar pedagógico e para a construção coletiva de um projeto educativo que será desenvolvido no segundo semestre de 2025: a criação de um sistema monetário escolar simbólico buscando aprofundar com os alunos o uso social da matemática a partir da realidade dos estudantes e incentivá-los a buscar cada vez mais um bom desempenho escolar e maior comprometimento com seus estudos. A escolha desta proposta nasceu da escuta sensível dos alunos, da percepção das dificuldades no uso de operações matemáticas ligadas ao cotidiano, especialmente envolvendo trocas monetárias e do desejo de promover uma aprendizagem mais significativa.

A metodologia adotada neste trabalho é a pesquisa narrativa, que compreende a formação docente como um processo em constante elaboração e que valoriza a experiência como espaço legítimo de construção de saberes. Por meio da escuta, da reflexão e da escrita, a narrativa permite tornar visíveis os sentidos atribuídos às práticas e às relações estabelecidas no espaço escolar. Sabemos que, muitas vezes, essa metodologia de pesquisa é vista com estranhamento nos meios acadêmicos mais convencionais, mas consideramos esse relato de experiência como algo que surge da ciência do particular, e neste contexto, concordamos com Geraldi (2012), ao afirmar que:

A defesa de uma ciência do particular contradiz os modos modernos de fazer ciência. [...] como apontado por Ginzburg (1989), uma ciência do particular preferirá dizer coisas significativas e substanciosas com prejuízo da cientificidade (no sentido moderno de ciência) a dizer trivialidades garantidas pelo método preconizado dos processos científicos (da indução ou da dedução) (Geraldi, 2012, p. 27).

Nesse percurso, autores como Bakhtin (2010); Geraldi (2012); Lima, Geraldi e Geraldi (2015), Chaluh (2008) e Freire (1996) são fundamentais para sustentar o entendimento de que





a docência se constitui não apenas pela técnica, mas pelo encontro, pela escuta e pelo compromisso ético com a transformação social.

Os principais resultados que observamos até o momento dizem respeito ao fortalecimento da minha identidade docente, ao reconhecimento da escola pública como lugar potente de aprendizagem e ao desenvolvimento de uma escuta pedagógica sensível, que nos permitiu construir, a partir de nossos diálogos constantes entre bolsista, professora supervisora e coordenadora institucional, um projeto educativo que tem como propósito promover o engajamento das crianças e o desenvolvimento de competências matemáticas a partir de um contexto significativo. Ao final deste primeiro ciclo de vivências, compreendo que o PIBID é mais do que uma oportunidade de experienciar a docência: é um espaço formativo profundo, afetivo e transformador, que reafirma a importância da educação pública e do compromisso com a aprendizagem de todos: não apenas das crianças, mas também da bolsista, supervisora e inclusive coordenadora institucional, considerando, ainda de acordo com Freire (1996), que somos sujeitos inconclusos e inacabados, e conforme Bakhtin (2010), que nos constituímos a partir de nossa relação com o outro.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é a da pesquisa narrativa. Conforme Lima, Geraldi e Geraldi (2015), é uma metodologia que não tem nada a comprovar, mas sim muito a compreender. Além disso, nesta perspectiva, também nos pautamos por Benjamin (1994) que “(...) contribui fortemente com a ideia de que a narrativa pode sim ocorrer a partir do espaço que ocupamos, pois somos capazes de narrar nossas histórias.”. (Oliveira, 2020, p. 109-110). Assim, a escrita aqui apresentada se compromete com um relato implicado, sensível e situado.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho tem como base teórica os princípios da pedagogia freireana (1996), a filosofia do ato responsivo-dialógico de Bakhtin (2010), a concepção de experiência segundo Jorge Larrosa (2012), os fundamentos narrativos de Walter Benjamin (1994) e os referenciais





da pesquisa narrativa conforme propostos por Chalhuh (2008) e Geraldi (2012). Esses autores fornecem a sustentação para compreender o processo formativo da docente em formação, nesta

vivência no contexto da escola pública brasileira por meio do PIBID, como uma construção coletiva, dialógica e transformadora.

Paulo Freire (1996) nos ensina que ensinar é um ato de criar possibilidades, não de transferir conhecimento. Seu conceito de práxis — ação e reflexão articuladas — orienta minha experiência como bolsista na Escola Municipal Aldo Zotarelli Junior. A partir da escuta sensível às necessidades dos alunos, pude dialogar com a professora supervisora e propor intervenções significativas, evidenciando um processo formativo em movimento, como vivenciado nos Grupos de Estudos e nos momentos em que tive mais autonomia com a turma.

Com Bakhtin (2010), entendemos que o sujeito se constitui em diálogo. A formação docente que venho construindo é resultado das interações que estabeleço com os alunos, as professoras em sala, a coordenadora institucional do programa e os saberes da universidade. Esses encontros são carregados de responsabilidade e afeto, e revelam que o ato pedagógico é também um ato ético.

Larrosa (2002) nos lembra que a experiência é aquilo que nos toca e nos transforma. O PIBID tem sido uma experiência potente justamente por me atravessar em profundidade. O acolhimento vivido na escola e as trocas cotidianas me permitem construir um olhar atento às singularidades da turma, o que fortalece minha capacidade de planejar um projeto educativo sensível e pertinente.

Benjamin (1994), por sua vez, ao falar do narrador, nos inspira a partilhar saberes vividos de forma sensível. Ao narrar minha trajetória no PIBID, trago à tona as aprendizagens, afetos e descobertas que marcam minha formação. A pesquisa narrativa se torna, assim, um modo de tornar visível o processo formativo que pulsa nos encontros e experiências vividas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência vivenciada até o momento na Escola Municipal Aldo Zotarelli Junior, por meio do PIBID, tem me proporcionado a construção de um olhar pedagógico mais sensível,





atento às múltiplas dimensões do ato educativo. Ao acompanhar de forma próxima a prática da professora supervisora, pude observar e participar de situações pedagógicas que se sustentam

em uma ética do cuidado, da escuta e do respeito mútuo. As discussões sobre identidade, racismo e bullying são constantemente trazidas para o centro das rodas de conversa, das leituras

e atividades desenvolvidas pela professora, o que contribui para a construção de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso. Como Paulo Freire (1996) defende, ensinar exige respeito à autonomia e à dignidade do educando, e é justamente esse princípio que orienta a prática docente que venho acompanhando. Bakhtin (2010), ao refletir sobre o ato responsável, nos ajuda a compreender que o sujeito só se constitui em relação com o outro. E é nesse encontro, nessa escuta ativa entre professora e estudantes, que vejo o processo educativo se realizar de forma humanizada e transformadora.

Outro aspecto que tem contribuído fortemente para a minha formação é a participação em atividades na Sala Conectar, um projeto piloto implantado pela Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro em apenas duas escolas da rede municipal. A sala é equipada com recursos como tablets, notebooks, impressora 3D e drones, possibilitando aos alunos vivências tecnológicas inovadoras. Nessas ocasiões, pude observar como o uso de tecnologias estimula o engajamento dos estudantes, principalmente aqueles que fora da escola têm pouco ou nenhum acesso a esses recursos. Durante as propostas dos Grupos de Estudos, por exemplo, atividades realizadas na Sala Conectar possibilitaram que os alunos utilizassem recursos como ferramentas de pesquisa online, planilhas de excel, assistissem vídeos, se aprofundassem em conteúdos a partir de aplicativos inovadores ou de jogos educativos, enriquecendo a forma como interagiam com os conteúdos trabalhados. Foi uma oportunidade muito enriquecedora também para mim, como futura professora, compreender como a tecnologia pode e deve ser usada para democratizar o acesso ao conhecimento e tornar a aprendizagem mais significativa.

Os Grupos de Estudos foram uma proposta sugerida à professora Sandra pela coordenadora pedagógica da escola, Gabriela, no ano anterior, com o objetivo de agrupar os estudantes em níveis semelhantes de aprendizagem para que pudessem aprofundar seus conhecimentos em Língua Portuguesa e Matemática. Contudo, no ano passado a professora





não conseguiu implementar a proposta por estar sozinha em sala. Neste ano, porém, houve uma coincidência feliz: em um dos dias em que desempenho parte da minha carga horária do PIBID é justamente o dia em que a professora Gláucia, de Educação Especial, comparece à sala para cumprir uma hora de atendimento educacional especializado (AEE) integrado com a professora da sala. Além disso, a professora Sandra conta diariamente com o apoio de uma Professora Auxiliar que é

Agente de Inclusão, papel anteriormente desempenhado pela professora Aline, e atualmente pela professora Andréia, que acompanha dois alunos da turma que são público-alvo da Educação Especial (PAEE). Esses alunos, embora tenham direito ao AEE, são bastante autônomos e acompanham bem os conteúdos da turma, de forma que tanto a professora Gláucia quanto as professoras Aline e, posteriormente, Andréia, conseguem acompanhar também um dos grupos cada uma, com o critério de que o grupo que cada uma delas estaria acompanhando fosse o grupo em que um dos alunos PAEE estivesse participando. Assim, passamos a contar com quatro professoras em sala durante o período de 1 hora aula semanal, o que possibilitou a formação dos Grupos de Estudos. Em cada grupo, os estudantes desenvolvem atividades diferenciadas, conforme suas necessidades, enquanto nós, professoras, mediamos os processos, sempre buscando dar o máximo de autonomia possível aos alunos.

Nos grupos que acompanhei, trabalhamos, por exemplo, a leitura e a produção de textos, além de atividades envolvendo operações matemáticas básicas. Em uma das propostas, os estudantes precisaram resolver situações-problema contextualizadas, relacionadas ao uso do dinheiro em mercados, compras no shopping e até mesmo na festa junina da escola. Nesses momentos ficou cada vez mais evidente a dificuldade de muitos alunos com o sistema monetário e, ao mesmo tempo, o quanto essas temáticas despertavam o interesse deles. Essas observações, somadas às discussões com a professora Sandra e a uma experiência que vivenciei em meu estágio obrigatório em outra escola, contribuíram para a construção do meu projeto educativo no âmbito do PIBID, que será desenvolvido no segundo semestre.

O projeto consiste na criação de um sistema monetário simbólico para a turma, no qual as crianças receberão valores fictícios por atitudes e comportamentos valorizados no contexto escolar, como realizar as tarefas para casa, ler livros da biblioteca e compartilhar suas leituras, manter o cuidado com os materiais escolares, entre outros critérios. As crianças produzirão,





inclusive, uma carteira a partir de dobradura de papel para guardar estes valores. Ao longo dos meses, esses valores serão acumulados e no final do ano, trocados por itens em um bazar organizado pelas professoras a partir de doações. Essa proposta visa promover não apenas o engajamento dos alunos nas atividades escolares, mas também favorecer a compreensão de conceitos matemáticos básicos, como adição, subtração, planejamento de gastos e tomada de decisões, além de desenvolver noções de educação financeira. A turma recebeu com muito entusiasmo a proposta, e todos estão ansiosos para que ela se inicie em breve.

Os resultados que tenho observado até aqui são processuais e envolvem tanto o fortalecimento da minha identidade docente quanto o avanço dos estudantes em aspectos pedagógicos e relacionais. Vejo, por exemplo, uma maior apropriação dos conteúdos trabalhados nos Grupos de Estudos, especialmente em Matemática e Língua Portuguesa, assim como uma melhoria nas relações interpessoais entre os alunos, que passaram a se escutar com mais atenção, a se respeitar mais e a colaborar entre si. São pequenas conquistas que, para mim, têm enorme valor e mostram que é possível, sim, transformar a escola pública em um espaço de aprendizagem potente, afetivo e significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada por meio do PIBID, na Escola Municipal Aldo Zotarelli Junior, tem reafirmado a importância de programas que promovem a imersão dos licenciandos no cotidiano da escola pública. Esta vivência tem me transformado profundamente, tanto em minha identidade docente quanto na maneira como compreendo a educação e o papel do professor na formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes. O contato direto com os alunos, a escuta das suas demandas, os momentos de autonomia em sala de aula e o diálogo constante com a professora supervisora e a coordenadora institucional, foram fundamentais para que eu pudesse construir um olhar mais atento, reflexivo e responsável sobre a prática pedagógica.

A partir das contribuições de Paulo Freire (1996), compreendo que o ato de ensinar não se reduz à transmissão de conteúdos, mas é um gesto de escuta, de afeto e de compromisso com a transformação social. Na vivência com a turma, percebi o quanto a escuta atenta e respeitosa pode modificar as relações dentro da sala de aula, favorecendo o





aprendizado e fortalecendo os vínculos entre os sujeitos. Da mesma forma, as reflexões de Bakhtin (2010) me ajudaram a entender que a construção do conhecimento é dialógica, e que minha constituição como professora se dá nas relações que estabeleço com os outros – alunos, professores, gestores e comunidade escolar.

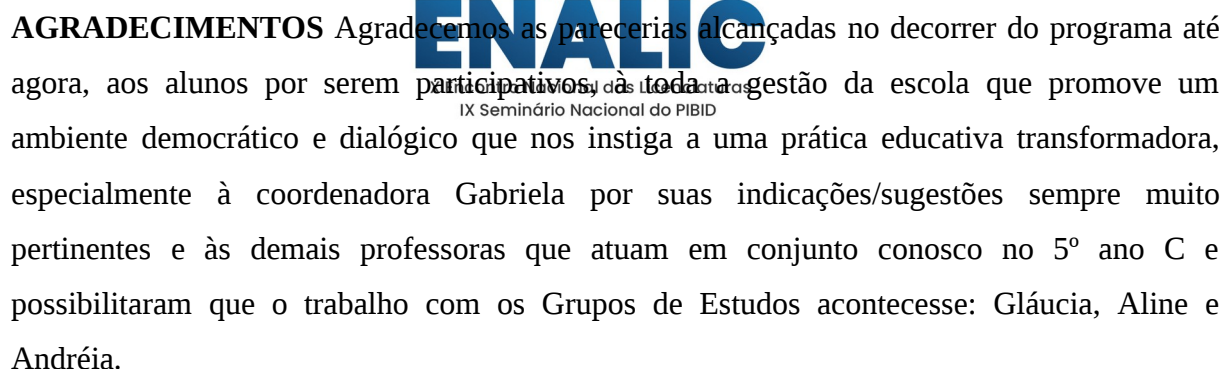
A pesquisa narrativa, a partir das perspectivas de Benjamin (1994) e Larrosa (2002), permite reconhecer as experiências como espaços legítimos de produção de saberes. Ao narrar

minha trajetória como bolsista PIBID, estou também compartilhando sentidos, afetos, aprendizagens e transformações que fazem parte de um processo formativo contínuo. O relato torna-se, portanto, um instrumento potente de formação e de diálogo com outros profissionais da educação, que também podem se reconhecer nas experiências aqui descritas.

Os resultados observados ao longo desta trajetória são, sobretudo, processuais. É possível perceber avanços no engajamento dos alunos, na apropriação dos conteúdos, no fortalecimento das relações interpessoais e na construção de um ambiente escolar mais acolhedor e participativo. A proposta de criação de um sistema monetário simbólico como projeto educativo, a ser desenvolvido no segundo semestre, aponta para a possibilidade de novas formas de ensinar e aprender, mais próximas da realidade dos estudantes e mais eficazes no enfrentamento das dificuldades observadas.

Entendo que experiências como essa devem ser mais valorizadas e ampliadas, pois permitem que os futuros professores vivenciem a escola pública de maneira significativa, reconhecendo sua potência, seus desafios e suas possibilidades. A continuidade de ações como o PIBID é fundamental para a formação docente de qualidade, especialmente quando se articula com práticas pedagógicas inovadoras, tecnologias acessíveis e uma postura ética e comprometida com o bem comum. Sugerimos, ainda, que novas pesquisas sejam realizadas no campo da formação docente inicial, especialmente aquelas que valorizem os relatos de experiência como fonte legítima de produção de conhecimento. Estudos que abordem a constituição da identidade docente a partir da escuta, da práxis e da experiência vivida podem contribuir para ampliar as discussões sobre os sentidos da docência e sobre os caminhos possíveis para a construção de uma educação mais justa, democrática e transformadora.





REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2010.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**, vol. 1 - Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CHALUH, L. N. **Formação e alteridade:** pesquisa na e com a escola. 2008. 290f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe - UFSCar. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2012.

LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em Educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 31, n. 01, p. 17-44, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280> . Acesso em: 28 jun. 2025.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003> . Acesso em: 28 jun. 2025.



OLIVEIRA, L. A. Narrativa do vivido: potencializando minha formação. *In*: CHALUH, L. N. *et al. Modos de fazer pesquisa narrativa: aproximando vida e cultura*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

